

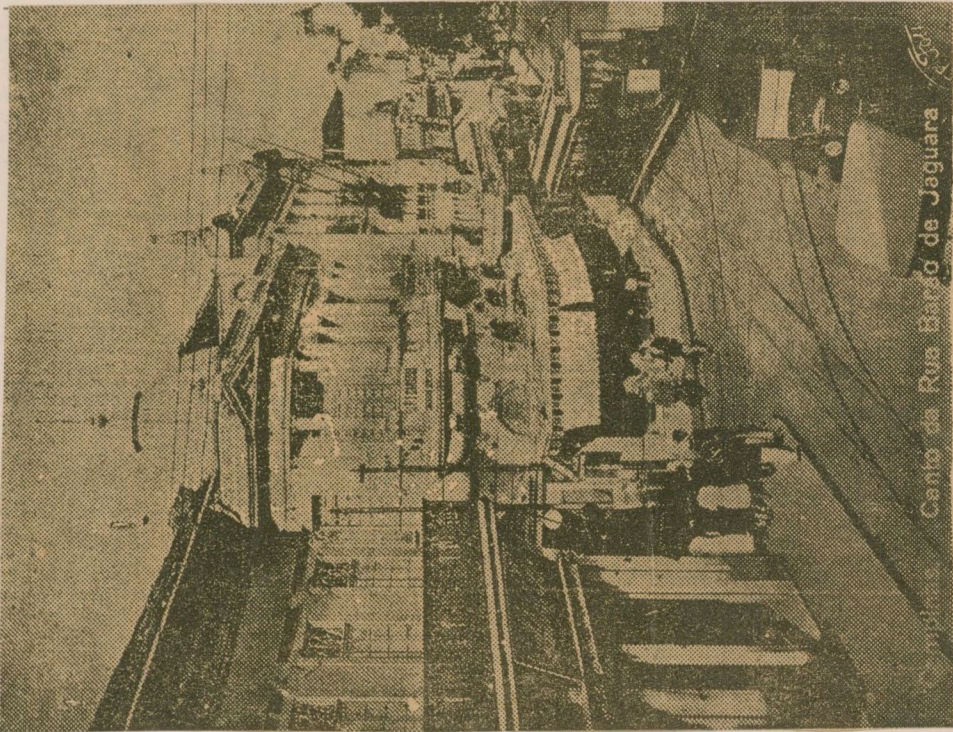
MEDALJON, Jayme. Campinas, o terceiro centro urbano do Estado de São Paulo, vê transcorrer hoje o primeiro centenário de sua elevação a categoria de cidade, comemorando a data com várias solenidades: da - dos históricos sobre a fundação - o atual desenvolvimento da Princesa d'Oeste - o sr. inventor federal declarou facultativo o ponto, hoje, nas repartições públicas locais - o programa organizado para as festividades - notas. Folha da Manhã, São Paulo, 05 fev. 1942. (matéria incompleta).

Campinas, o Terceiro Centro Urbano do Estado de São Paulo, Vê Transcorrer Hoje o Primeiro Centenário de Sua Elevação à Categoria de Cidade, Comemorando a Data com Várias Solenidades

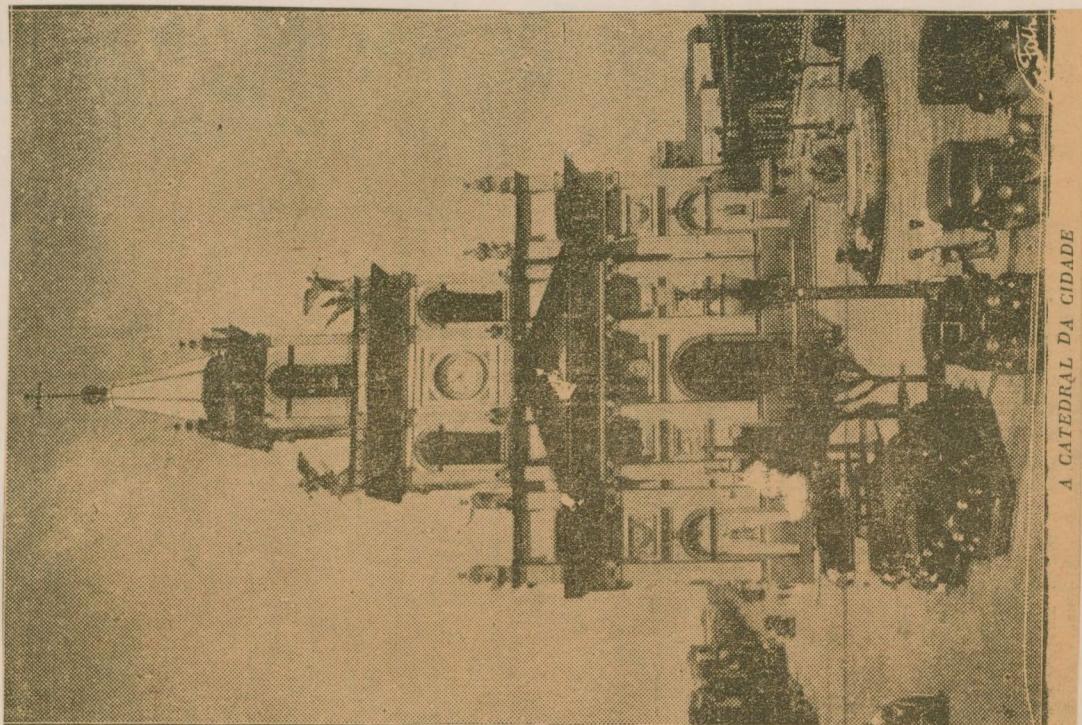
Dados Históricos Sobre a Fundação — O Atual Desenvolvimento da "Princesa d'Oeste" — O sr. Interventor Federal Declarou Facultativo o Ponto, Hoje, nas Repartições Públicas Locais — O Programa Organizado para as Festividades — Notas

De JAYME MEDALJON

Correspondente das "Folhas" em
Campinas

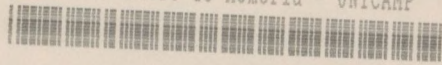


Aspecto da rua Barão de Jaguara, a mais importante da cidade



A CATEDRAL DA CIDADE

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE024911

CAMPINAS, 4 (Da sucursal da "Folha da Manhã") — A data de amanhã registra a passagem do primeiro centenário da elevação de Campinas à categoria de cidade. O decreto provincial foi assinado pelo barão de Monte Alegre.

Campinas, que ocupa posição invejável entre as demais da hinterlândia paulista, conta para mais de 200 anos de existência, sendo, a despeito dos numerosos fatores que impediram o seu mais rápido desenvolvimento, um dos principais centros agrícolas, industriais, comerciais, hospitalares e instrutivos de S. Paulo.

É privilegiada quanto ao seu clima, que é ameno e em geral seco. A superfície do município é de 1.599.630 quilômetros quadrados, sendo os seus contornos irregulares, assentados em solo pouco montanhoso, não contando elevação notável a não ser em suas divisas com o município de Itatiba (Serra de Cabras, com a altitude máxima de 1.000 metros). A altitude média do município é de 693 metros acima do nível do mar.

Cortada por numerosas vias de comunicação, entre as quais podemos citar as estradas de ferro Paulista Mogiana e Sorocabana, e as excelentes rodovias estaduais e municipais. Os limites de Campinas são: ao norte com os municípios de Mogi-Mirim e Limeira; a nordeste, com os de Pedreira e Amparo; a leste e sudoeste, com o de Itatiba; ao sul, com os de Jundiá e Indaiatuba; a sudoeste, com o de Monte-Mor, e ao oeste, com Americana e Santa Bárbara.

A situação financeira do município tem prosperado de uma maneira apreciável, sendo de notar que ainda em 1923 a sua receita mal atingia a 2.000 contos de réis, para passar a 3.000 em 1924, 4.000 em 1927, 5.000 em 1928, daí até 1935, variou entre 5.000 e 6.000 e nesse ano, passou a 6.543, para em 1936, atingir 6.854. Decresceu em 1937 em cerca de 300 contos, elevando-se em 1938 a 7.403, para daí para cá seguir curva acensional a ponto do município haver atingido em 1941 a 9.300, e esperando arrecadar em 1942 a importância de 9.950 contos de réis.

A FUNDAÇÃO DA CIDADE

A então estrada de Jundiá para as minas de Golaz passava pelo sítio da "Samambala" e chácara de d. Maria Fausta e alcançando o lugar depois conhecido por Campinas Velhas, tomava pelo caminho que corre em frente da chácara então pertencente ao dr. Sampaio Peixoto, até cair na estrada do Taquaral ou de Mogi-Mirim, primitivamente Mogi dos Campos, cuja área descoberta facilitou ali a formação do povoado, anterior ao de Campinas, sendo o primeiro estímulo, em ambos os casos, o fato de serem pontos para viajantes de Golaz e Cubatã, permitindo Mogi melhores acomodações para o descanso e invernada de tropas.

Naquelas épocas de excursões longínquas o ponto de mira que se apresentava para todos os áduos cometimentos era a descoberta de novos domínios para a coroa portuguesa e a excavação do solo em demanda de metais e pedras preciosas. Campinas que servia tão somente de pouso para os bandeirantes em demanda de Golaz, ficou durante muitos anos ignorada como terra de grandes possibilidades.

Espalhando-se no entanto a notícia da produtividade das terras de Campinas, aumentou a imigração de lavradores, e, entre estes, veio de Taubaté Francisco Barreto Leme no ano de 1739, que para aqui se passara seguido de numerosas famílias.

Trinta anos mais tarde, contando já Campinas 61 famílias com 357 pessoas, Barreto Leme entrou a tratar da freguesia para o serviço religioso, e a despeito da oposição que o vigário de Jundiá moveu, o qual chegou mesmo a informar ao final do seu despacho no requerimento que lhe foi encaminhado — "com escritura de dote de bens de raiz que rendam ao menos seis mil réis anualmente para reparação e fabrico da capela que intentam, tornem, etc." — o abnegado taubateano conseguiu a desejada permissão do bispo d. frei Manuel da Resurreição, em 1774, tendo feito a oferta do terreno para o patrimônio da igreja.

A esse tempo já Barreto Leme estava oficialmente constituído fundador e povoador da nova freguesia de Nossa Senhora das Campinas de Mato Grosso, distrito da Vila de Jundiá, nome primitivo de Campinas.

Em 1797 contava a nova freguesia com mais de 400 fogos, com 2.107 pessoas, quando os seus habitantes pediram ao então governador Mello e Castro a sua ereção a vila, enviando-lhe a seguinte petição: "Ilmo. e Exmo. Sr. Dizeem os moradores da nova freguesia de Campinas do termo da Vila de Jundiá, que consta do assignado junto, que se vem vexados em servirem aos cargos da Republica a dita Villa por morarem disjuntos da mesma oyto, dez, doze, quatorze freguas, no que sentem gravissimos prejuizos nas suas Lavouras por serem Engenheiros, quando a freguesia dos Suppes. tem no todo o numero de duas mil cento e sete pessoas, e a tres anos a esta parte tem crescido seis centas, e oytenta e oyto pessoas como fazem certo pela attestação junto do seo parcho e de fogos ha mais de coatro centos, e de rendimentos poderá ter a Villa sincoenta mil reis, a cuja attenção recorrem os Snupps. a V. Excia. para que attendendo a esta verdadeira representação mandar fazer villa a nova freguesia de Campinas, porque assim podem servir os cargos da Republica, e sem prejuizo de tratarem da sua Lavoura. P. a Alta proteção de V. Excia. se digne attender ao requerimento dos Suppes.

mandando erigir Villa a dita freguesia de Campinas. E. R. M. O vigário da Freguesia de Campinas — Joaquim José Gomes; Antonio Mendes de Godoy, José Gonçalves Cezar, Francisco de Camargo Pimentel, Bernardo Guedes Barreto, José Soares de Camargo, Joaquim Alves dos Santos, o alferes José Francisco de Moraes, o tenente José Pedro da Cunha, o alferes José Antonio do Amaral, Joaquim Corrêa da Cunha, Joaquim Antonio de Arruda, Joaquim Bernardo Gomes, Antonio Alves de Castro, João Manoel do Amaral, Raphael de Oliveira Cardoso, João Baptista Pimentel, Jeronymo Pedroso de Camargo Antonio Bueno Cardoso, João da Motta Saraiva e Ignacio Bueno de Camargo".

Teve bons resultados o pedido, tanto assim que o então Governador e Capitão General da Capitania, Antonio Manuel de Castro e Mendonça por provisão de 4 de novembro do mesmo ano, expedindo-se a portaria em 15, mandou erigir a sua povoação em vila com a denominação de Vila de São Carlos, levantando ali Pelourinho, assignando-lhe termo, lugar e terreno para os Poços do Conselho, e Cadeia, procedendo a eleição de Juizes e mais oficiais da Câmara que haveriam de servir por confirmação de S. Excellência o primeiro ano, o que teve início em janeiro de 1798.

E ficou, assim terminado, o período que poderemos chamar de "formação" propriamente da futura cidade de Campinas. Foi por essa época que começamos a receber, em maior número, membros de famílias importantes de distritos mais velhos não só da Capitania de São Paulo, como de Minas, Rio de Janeiro e etc.. Dentre as famílias importantes que imigraram para cá, onde obtiveram sesmarias, podemos citar: o cap. José de Camargo Paes, que havia servido de ouvido pela Lei em São Paulo, o pe. Joaquim Duarte, e ascendentes dos Moraes Salles, Pedro Gonçalves Meira, que foi quem construiu o primeiro sobrado, no local onde hoje se ergue o majestoso edificio "Columbia"; Diogo da Toledo Lara Ordonhes, que em 1.802 era Cavalheiro da Ordem de Cristo, Desembargador da Relação e Casa do Porto, Intendente Geral do Ouro da Repartição do Rio de Janeiro e Presidente da Mesa de Inspeção da mesma cidade; alferes Antonio de Camargo Penteado; o guarda-mor Manuel Teixeira Vilela e tantos outros.

Os engenhos de cana multiplicavam-se nas grandes sesmarias, notadamente as pertencentes ao baíro das Anhumas (hoje Cosmópolis) e a cultura e moagem de cana tomaram consideravel incremento, tanto que em 1816 a Vila de São Carlos possuía perto de 96 engenhos.

A 1.ª LUTA POLÍTICA — A primeira luta "política" feriu-se em terras

da Freguesia da Vila de São Carlos, por volta de 1774, entre o capitão-mor de Jundiá, Antonio de Siqueira Leme, o capitão das ordenanças da mesma vila, que era Raimundo Alvares dos Santos Prado Leme e o diretor da fundação de Campinas, Francisco Barreto Leme.

Este Raimundo Alvares dos Santos Prado Leme, no entanto, passou a figurar na história local, reaparecendo com importante questão na primeira Câmara da Vila de São Carlos, da qual mereceu tremenda e violenta acusação. Indicado para o cargo de capitão-mor, estabeleceu-se formidanda celeuma entre o dr. José Barbosa da Cunha e outros vereadores campineiros e o capitão-general Melo Castro. Nessa altura, interveiu a família Teixeira Nogueira (irmãos do primeiro vigário frei António), fez valer sua popularidade e apresentou como candidato o capitão Felipe Neri Teixeira. Afinal o conflito foi derimido, pois o irado capitão-general mandou presos para a barra de Santos os camaristas que se

opuseram a sua vontade. Durou a luta cerca de cinco anos. Foi necessário que Melo Castro deixasse o governo de São Paulo, que foi ocupado por Franco Horta, o qual levou ainda um ano para considerar o assunto e só se resolveu a romper com o precedente estabelecido pelo seu antecessor e fazer a nomeação de João Francisco de Andrade para capitão-mor, de acordo com o pedido da Câmara de São Carlos e com os desejos dos homens honestos.

Resolvido esse impasse na vida campineira entraram então a cuidar da vida da cidade, propriamente, que se desenvolvia grandemente. Entre o ano de 1807 e o de 1812 o açúcar branco era vendido ao preço de \$500 a arroba, pela decadência e falta de exportação.

A CATEDRAL

A Catedral de Campinas, esse monumento imponente que é hoje um dos atestados mais frizantes da grandeza da primitiva vila de São Carlos e que bem demonstra o arrojo e a temeridade dos primeiros povoadores

de nossa terra, foi ideada em 1807, aos 6 dias do mês de outubro, sendo oficialmente inaugurada solenemente em 2 de dezembro de 1833.

Esse majestoso templo que até a elevação de Campinas a Bispado era conhecida por Matriz Nova, apresenta a particularidade de ser uma construção monumental, com o embasamento da frente em enormes massas graníticas, talhadas em forma quadrangular, com uma torre central de 59 metros de altura, consubstancia preciosa manifestação de gosto artístico, no seu interior, onde repousam os restos mortais dos exmos. e revmos. d. João Baptista Corrêa Nery e d. Francisco de Campos Barreto, 1.º e 2.º bispos de Campinas, encerra obras de entalhe em cedro, que constituem objeto de admiração.

Essas obras de entalhe estão reverendo as suas colunas, os seus púlpitos, muros e tetos, e culminam nos altares, nos quais o extraordinário artista que as executou, e que foi Victoriano dos Anjos, natural da Baía, pôs toda a sua alma e todos os requintes de sua privilegiada intuição artística.

Foram dispendidos na construção desse suntuoso templo cerca de 6.000 contos de réis, quantia essa que, para a antiga Vila de São Carlos, representou um eloquente testemunho do fervor religioso de seus habitantes.

O ALGODÃO E O CAFÉ

Com a vinda da rainha e Família Real ao Brasil iniciou-se a edificação de uma serie de ranchos de campo para pouso aos visitantes, desde S. Paulo até Goaz. Um desses ranchos coubo a Campinas, sendo situado no lago de Santa Cruz, onde mais tarde estiveram acampadas as tropas da "Retirada da Laguna", que por aqui passaram sob o comando do tte. cel. D.º, cuja onculhada estivera hospedada na chácara Raimundinho e cujo prelo, embora inutilizado, ainda hoje existe. Feio ano de 1819 alargava-se o plantio de cana de açúcar e tentava-se com algum sucesso o do algodão, de cujas primeiras referências existem citações em autos do ano de 1824, como tendo sido cultivadas em terras de propriedade de

Almeida de Moraes Salles e sua procriadora, d. Anna Baptista e Matos. O café, conquanto conhecido no município desde o ano de 1807 ou 1808 fora plantado na chácara do tte. Antonio Francisco de Andrade, somente em 1835 é que tomou maior incremento. Nesse ano a Vila de S. Carlos possuía apenas 9 fazendas produzindo 808 arrobas.

OUTRAS NOTAS

Um dos fatos históricos de Campinas, no mesmo ano de sua elevação a cidade, foi o comate da Venda Grande pelo esse ocorrido a 7 de junho, e que motivou até a migração de grande número de famílias.

Em 1872 acentuou-se uma das novas fases do progresso de Campinas. Por meio da linha férrea de Jundiá a esta cidade, e por intermédio do telegrafo haviam-se estabelecido comunicações com o mundo civilizado. Logo no ano seguinte surgiu o "Cultivo e Ciência" do chao de uma chácara ignorada, libertando-se de meios estranhos, os campineiros abriram assim os áditos de um templo de educação e ensino a seus filhos. Havia um só jornal, a "Gazeta de Campinas". No dia 13 de agosto, com a visita do bispo D. Lino a esta cidade, coincidiu o aparecimento da primeira folha literária, a "Semana", fundada por Francisco Pedro de Oliveira e Hilario Magro Junior, este que é